

VIDA
MUNDIAL

ANO V-N. 231

18 DE OUTUBRO DE 1945

PREÇO AVULSO 1\$80

ILUSTRADA



«A CAMINHO DA CIDADE»

Foto João Martins

6 RAPARIGAS PARA UM FILME, PRECISAM-SE.
(VER O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO NA PAG. 6)

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR:
JOSE CANDIDO GODINHO
EDITOR:
PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE "VIDA MUNDIAL"
EDITORA LIMITADA

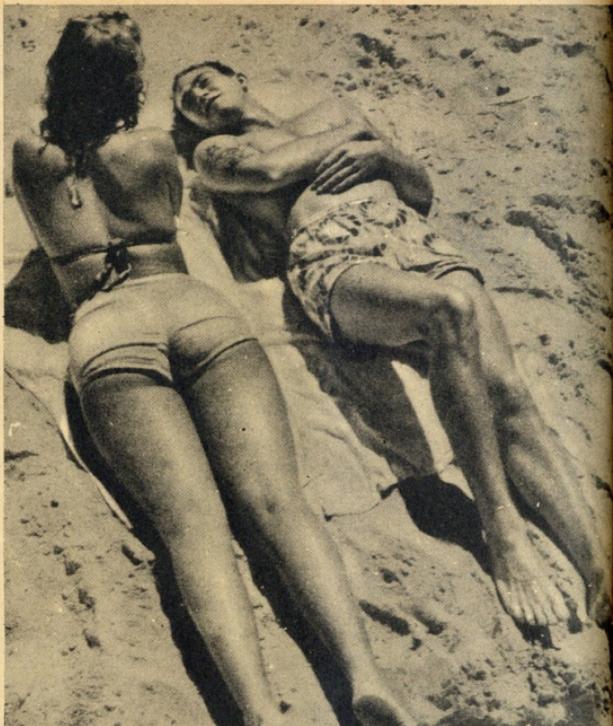
PRIMEIRA COLUMNA

PROBLEMAS DA PAZ

POR ANÍBAL NAZARÉ

Ainda não refeita da tragédia da guerra, a Humanidade encontra-se perante os gravíssimos problemas da Paz. Problemas que se não resolvem como outros, porque são preciosos, indispensáveis para a sua solução, o interesse e a boa vontade de todas as nações. Como receberam os povos a Paz, que lhes abriu os braços piedosamente, quando a guerra, ameaçava, de braço dado com o progresso, destruí-los, aniquilá-los sem piedade? Criando novos conflitos, fazendo novas reivindicações — outros motivos de discórdia, resurgindo o fantasma da guerra, que para longe e para sempre deveriam arredar. Assim, quando as nações se reúnem para tratar da Paz, a guerra aguarda, confiada e preversa, na sala de espera... E vê passar homens exaltados, que discutem umas centenas de quilómetros de fronteira (como o mundo é pequeno!) ou uns milhares de homens para dominar! (E como a Humanidade é má!). Certa de que será chamada a intervir, na conferência dos «Homens da Paz», a Guerra continúa esperando. Sentou-se num «maple» acolhedor, acendeu um cigarro, e escreu o que se diz na sala ao lado. É indicativo que as conversas lhe têm agrado, porque ela não arreda pé...

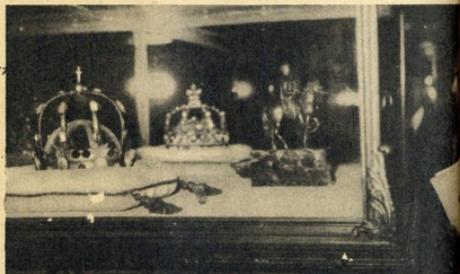
E, quando achar o momento propício, não hesitará... Estamos já a vê-la entrar na sala da conferência, a pedir a palavra, a provar, enfim, que nestes assuntos de Paz — é sempre a guerra quem tem que dizer a última palavra!



CORPOS SOBRE A AREIA; ÚLTIMAS IMAGENS DUM ALBUM DE BELEZA QUE, ESTE ANO, A GENEROSIDADE DO CLIMA DEIXOU ARRASTAR ATÉ AO OUTONO.

PARIS VOLTA A SER PARIS!

- 1 Reabriu a Sala de Apolo, no Louvre. Na vitrina vemos a coroa de Luis XV
- 2 Terminaram as vindimas. E o vinho novo é provado por especialistas.
- 3 Abriu o Salão de Outono, onde podem ser admirados os quadros dos grandes mestres franceses. Na foto vemos o pintor Matisse, junto das suas telas
- 4 Vindimas no aubette de Montmartre! A «musa» e uma «grissette» colhem e provam as uvas da famosa vinha de Montmartre!



IDEIAS E IMAGENS

Por ANTÔNIO RUAS

Li em tempos que a cultura consiste em se esquecer o que se aprendeu; esta proposição que eu julgava a original do escritor em que a encontrei, achei-a enunciada várias outras vezes. Dele-lhe o meu assentimento. A cultura é uma assimilação; do alimento espiritual só fica a essência, a síntese e o resto é repellido ou evacuado.

Um homem com esta cultura esquecida pode já não se lembrar do modo como Carlos Magno venceu os saxões, de muitos pontos de história e de filosofia. Mas sabe procurar e sabe resolver. Ao olhar para um homem, quasi lhe adivinha o carácter. Ao presenciar um acontecimento, do seu país, prevê-lhe as consequências. Ao lançar as vistas para o panorama internacional, antecipa muito do que está para vir.

É um homem não papagaio, mas um homem de perspectivas que pisa o mundo com a segurança de quem sabe onde está.

Eu creio que, além do mais, a base desta cultura é uma certa educação filosófica. É claro que me não refiro aqui ao que se aprende geralmente nos liceus e nos cursos superiores, que é mera ciência de informação. Para mim esta educação consiste em cultivar uma attitude mental de interrogação e de interpretação dos grandes problemas. Se algum mestre pode ajudar o aluno a assumir esta attitude, é realmente um grande mestre. O resto não importa muito. A história da filosofia, nos seus delineamentos gerais, depressa se aprende, talvez numa véspera de exame.

Antigamente uma educação completa não podia prescindir das literaturas antigas, e ainda hoje, apesar da extensão dos conhecimentos, mal poderá. Mas parece-me que actualmente nada há que faça melhor o espirito dum homem que a biografia; é esta a opinião de William James, que se não foi grande filósofo, foi pelo menos, grande pedagogo; é nas vidas ricas dos homens verdadeiramente ricos de dons, quaisquer que eles sejam, generais, estadistas, literatos, e até comerciantes ou industriais, que podemos compreender e perscrutar muitos dos problemas que nos assediam. Há ali forte manancial de ensinamento, o que determina o êxito duma grande vida, os acidentes do nascimento e da fortuna, os escolhos que surgem a uma individualidade forte, as contradicções de carácter, os episódios, as abnegações, os heroísmos, os clarins da fama, o visco da calúnia, o sivo do descrédito, e enfim a glória.

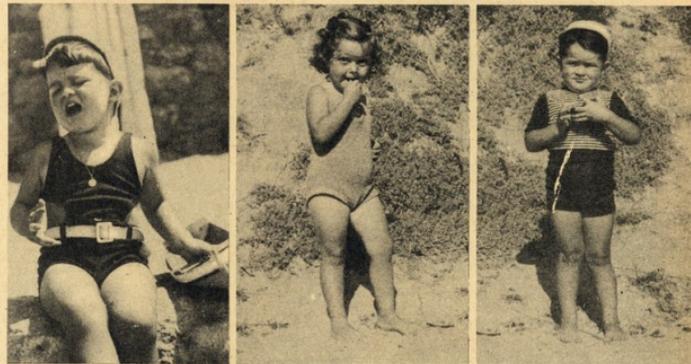
As vidas dos outros homens podem ser um espelho em que vejamos a nossa. Pode servir-nos para rectificar a nossa conduta, os nossos gestos e certas nossas opiniões. Para uma natureza viva são sempre estimulantes. E fazem-nos medir, o que é uma attitude filosófica.

Há culturas muito engraçadas. Lembro-me dum professor de filosofia numa universidade americana. Homens mais cultos na sua especialidade não havia.

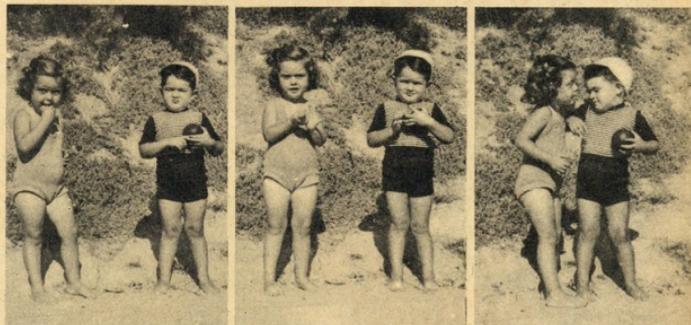
Sabia muito do que ensinava, expunha bem a lição e os discípulos gostavam dele. Se apontava à terra um filósofo forasteiro, era-lhe guen

(Continua na página 16)

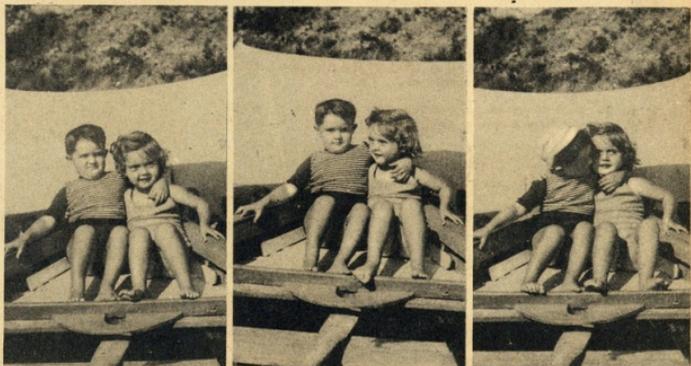
UMA HISTÓRIA EM NOVE IMAGENS DE DUAS CRIANÇAS PORTUGUESAS



Oh, que aborrecimento! Ainda se aparecesse aqui pela praia algum rapaz engraçado! Olho que rapas são simpáticos! E está o olhar para cá!... Olá! Isto agora já começa a não estar mau! Ele é simpático lá isso é!



Mas parece-me muito acanhado! E se eu me chegar mais um bocadinho! Crédo, que rapas éste! Nam quero vir comigo dar um passeio de bote! Ah! Sempre o convenci! E é que já começa a estar mais esado! Vou



chegar a cara para lá a ver se resulta... E se que resultou mesmo! Ora o atrevido do rapas! E a historia acabou com um beijo, como certas filmes americanos...



Eunice Colbert, gentil figura do teatro e do cinema, que interpretará um dos papéis femininos de «Matinée às 4».

O NOSSO GRANDE CONCURSO



RAPARIGAS

PRECISAM-SE
PARA O NOVO FILME
MATINEÉ ÀS 4

COMEÇAM brevemente as filmagens da produção da «Atlante Filmes», «Matinée às 4». O «cast» está quasi completo, exceptando, evidentemente, as papéis destinados ás leitoras de «Vida Mundial Ilustrada» que entrarão no nosso concurso e que júri, dentro de dias, vai escolher.

Está-se procedendo á selecção fotografica das concorrentes da provincia, e, as que triumpharem nessa primeira prova, serão chamadas a Lisboa, a fim de competirem com as candidatas do capital.

UMA OMISSÃO IRREPARÁVEL

ESTA liquidado, com honra para Portugal, o doloroso episódio de Timor. As tropas portuguezas desembarcaram e aquella distante parcela do Império foi restituída á soberania da Mãe Pátria. A nossa bandeira, que nunca deixou de tremular, ficou assim desafrentada da presença odiosa do invasor. Ninguém pôde ler, sem emoção, as noticias que nos deram conta de como se desenrolaram os acontecimentos ligados a esse facto transcendente da vida nacional. Os navios fundearam em Dill. O comandante das forças expedicionárias, acompanhado dos officiaes, desembarcou na terra mártir. Dezenas de bandeiras verde-ruibras, eloquentemente guardadas, ondulavam sobre a multidão dos nativos e europeus, para quem as forças expedicionárias eram: redenção. Ressoaram tambores e «tan-tans». Os indigenas de Manatuto e Bancau, despojados pela guerra das suas vestes ricas, perflaram-se marcialmente, para prestar guarda de honra ás forças da Metrópole. Depois, foi a cerimónia da recepção, nas ruínas da Câmara Municipal. E, por fim «A Portuguezas», entoadas por todos em espontâneo e comovente impulso.

Não se podia deslegar mais beleza e grandeza, ao acto da restitução de Timor á soberania nacional. Na sua simplicidade, tem o sabor de epopéia. Dir-se-ia uma cena escripta e imaginada para culminar um filme de guerra, dêsse que nos falam de cidades e nações que soffreram o drama da occupação e que por fim vivem, com exaltada alegria, a hora sublime da libertação. O relato telegráfico, por muito minucioso que seja, não nos poderá transmitir, em toda a beleza, essa hora alta que marcou o termo do cativeteo de Timor. E por isso não podemos deixar de lamentar, que, mais uma vez, os operadores cinematográficos hajam estado ausentes dos factos que, como este, documentam e interessam á vida da Nação. A guerra ensinou-nos que o «camaragem», quando há operações de desembarque, é o primeiro a saltar em terra, para a sua máquina não cerca seja o que fór do que val seguir-se.

Não çalaremos a nossa mágoa. Assistámos á campanha do Pacifico, através das actualidades anglo-americanas. Vimos Mac Arthur regressar ás Filipinas, como prometteira. Fomos testemunhas da batalha de Tarawa, notavelmente filmada pelos operadores do exército americano. Visitámos os teatros de guerra. No momento em que os nossos portuguezas desembarcavam em Timor, nossos cinemas mostravam os soldados de Monst ten a pé a chegada a Singapura. Na nossa opinião, pôde ir ainda um jornalista. Mas não foi nenhum operador cinematográfico. As imagens mais interessam á vida de Timor e a Portugal nestes longos seis anos de guerra, perderam-se para o cinema.

Inútil frizar a importância do facto. Mas seria inútil dizer, mais uma vez, que temos de olhar o cinema, como uma das maiores forças espirituais do momento que passa. E que deve utilizar essa força, na politica imperial, para salvar os laços que prendem a Mãe Pátria ás remotas parcelas de Portugal de Além-Mar. No acto do drama de Timor, buscámos, nos artigos algumas imagens em filme, referencias á sua possessão. Nem um só metro encontramos. Os dizemos para Timor, vale para Macau. Não agradáveis constatar o facto. Mas seria pôr, a referir.

Já é tempo de vermos, regularmente, nas nossas telas, imagens portuguezas. E é tempo também de integrarmos no plano nacional e imperial, a lugal estende-se pelo mundo inteiro. E grão mais para que todos nós o possamos conhecer, o cinema pode, até certo ponto, auxiliarnos na patriótica tarefa. E no dia em que pudermos acordar com a vida nacional, não voltarão a ter-se as omissões em que tem incurrido, e nas quais é incontestavelmente a que se nota Timor.

FERNANDO FRAGOS



Jorge Brum do Canto — o realizador de bata branca — indica a Versilho Teixeira e posição que deve tomar, para o cena que vai seguir-se.

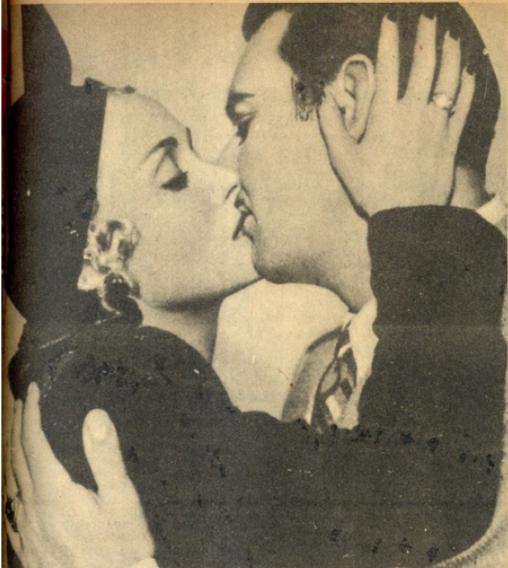
Um realizador de Bata Branca

SEMPRE que os caricaturistas do mundo inteiro querem apresentar o realizador, encontram um senhor circunpecto, vestido de calções e de blusa de xadrezinho, «meagrosinho» não, pela vertice sobre a testa, não ao lado uma cothura, em cuja terra figura o seu nome...

Na realidade, é o realizador de bata branca. Porque, na realidade as coisas não se passam assim. O «meagrosinho» calça em descolar com o apito passou para assistentes. O calção a «goli» torna-se ridiculo — e a pala já deu a tina a dar.

O realizador deixou de usar terno. Perdeu o plano, perdeu a direcção, em simplicidade.

O que não é vulgar — temo a convir — é um realizador de bata branca. E esse é Jorge Brum do Canto. A bata é, no estúdio, a indumentária favorita. Prática e moda, simples. Quando se assum um artista, para lhe dar indício a bata confere-lhe o ar solido, médico que accorre para junto do doente. Quem não conhece Jorge Brum do Canto poderia supor a sua indumentária de trabalho uma excentricidade, para um efeito. Os que o conhecem, sabem que não é «sassin». A bata branca de Jorge Brum do Canto tem um significado identico á voz de «lêncio, Motor! Claqueetes». Quer ser simplesmente que está em laboração.



O leitor, certamente já se deu conta do facto. Muito embora «elas seja, por via de regra, muito mais baixa do que «eles», nas cenas de amor empurraem-se maravilhosamente — e «ela» fica justamente com a altura ideal para ser beijada. O leitor sabe muito bem que há artistas extremamente baixas, e que ao lado de alguns «gigantes» de Hollywood — «cléticos», apenas, para exemplificar, o caso de Gary Cooper — nenhuma mulher poderá deixar de sentir em manifesta inferioridade de estatura. Mas sempre que os vemos beijar — é uma maravilha. Os rostos encostam, docemente, como se olhos e bocas estivessem ao mesmo nível. E o quadro adquire assim uma beleza e harmonia invulgares. Qual é o segredo? O galã diminui? A vedete cresce?

É muito simples. A vedete, na realidade, cresce. Porque, por via de regra, se limita a empoleirar-se prosaicamente num calçote, para subir com ele ao sétimo céu dum beijo de amor... Às vezes, não é preciso o calçote e a lista dos telefones de Nova York é bastante. O górdio volume a que nos referimos bastou, aliás, no caso que documentamos nesta página: uma cena de amor entre Brenda Marshall e George Brent. Em cima, é o que o leitor vê no cinema. O beijo, logo a seguir desfeito, para que os namorados, bem juntinhos, possam respirar fundo...

Em baixo, são, digamos, «os bastidores» desse beijo. Os pés de Brenda Marshall a quinze centímetros de «altitudes», tomam as posições que, comentam, até certo ponto a evolução emocional... Digamos apenas que, até entre nós, algumas das artistas para beijar os galãs nacionais tiveram que subir ao calçote.

E, para uma delas, quisé foi preciso um escadote...



QUEM VÊ CARAS NÃO VÊ... POSIÇÕES!



NOTA DA SEMANA

OS jornais deram, recentemente, pormenores sobre as greves nos estúdios de Hollywood, greves que estão afectando gravemente a marcha da indústria. Nos estúdios da Warner, verificaram-se recentemente reencontros sangrentos, entre grevistas e a polícia. Há oito meses, que o conflito dura — e não se descortina a solução, pois a intransigência de parte a parte é manifesta.

Todos os jornais americanos sublinham que a Paz veio encontrar a indústria em maus lençóis. Agora que tudo se conjugava para regressar à normalidade da produção — eis que o cinema se vê privado dos braços que o haviam de levar para melhores destinos.

«Motion Picture Herald» escreve: «A Paz solucionou quasi todos os problemas da indústria. Um apenas subsiste: as greves em Hollywood». E aqui tem o leitor uma confissão surpreendente — e com o seu arzinho de drama, que os acontecimentos estão aliás sublinhando com sangue.



PABLO CASALS, UM ARTISTA QUE É ALGUEM NO MUNDO DA ARTE.

PABLO CASALS



REGRESSOU A LONDRES



COM UMA MÃO NO TELEFONE. A OUTRA PROCURA O SEU INSEPARÁVEL CACHIMBO...



...TÃO INSEPARÁVEL QUE NÃO O ABANDONA, NEM ENQUANTO ENSAIA!

DEPOIS de seis longos anos, Pablo Casals, o grande violoncelista voltou a Londres.

A última vez que tocou em Inglaterra foi na Primavera de 1939. Abandonou a Espanha em 1937, mas continuou a suxhar, presentemente, as crianças do seu país, pelas quais tem especial ternura.

Na semana em que Barcelona se rende às forças de Franco, Casals teve que desfaçer-se da sua orquestra — a bela Orquestra Pablo Casals, que dirigia há 20 anos! Mas a Orquestra ainda existe — embora dirigida por seu irmão, e sem o seu nome glorioso...

E, com a libertação da França, Casals viu, de novo, o mundo aberto à sua frente.

Foi Londres que, primeiro, teve a honra de o receber — e recebeu-o como a um general vitorioso... Ele próprio confessa que tem de se habituar, de novo, ao som duma orquestra. Agora, trabalha em conjunto com «Sira Adrian Baili, o director da Orquestra da B.B.C. e parece que se dão maravilhosamente.

Quem quiser ver o grande músico espanhol é ir ao seu habitual hotel, em Londres, onde o encontrará de cachimbo na boca, sempre fumando — e sempre ensalando, que a guerra parece ser inimiga da Arte, e ele que se de novo habituou-se ao seu violoncelo de mágicas harmonias...

O soldado FLIT bate-se em tôdas as frentes!



DAS desoladas regiões árticas às florestas tropicais... em tôdas as frentes de batalha, Flit tem desempenhado um grande papel na defesa da saúde e conforto dos soldados das Nações Unidas, matando todos os insectos veiculos de doenças.



Pode também confiar a Flit o encargo de lhe conservar o lar livre de moscas, mosquitos, percevejos e outros perigosos insectos.

Continue a pedir Flit e exija verdadeiro Flit. Não aceite substitutos.

FLIT

Devido à guerra, Flit vende-se em frascos e latas. Lembra-se que se o soldado não estiver na embalagem, não é Flit.

Na guerra como na Paz, Flit é o insecticida que mata sempre.



NA CIDADE
NO CAMPO
NA PRAIA

As MALHAS LOCITAY

Revelam a distinção e o bom gosto das pessoas

À VENDA NAS MELHORES CASAS

OS ESTUDANTES FRANCESES TRABALHAM PELO SEU PAIS!

I S estudantes franceses, filhos doutros franceses que sofreram os horrores da ocupação alemã, e, eles mesmo, tendo ainda na ideia a visão trágica das horas negras que o seu país viveu dedicaram-se, de corpo e alma, à reconstrução do seu país. E é vê-los, rostos altivos — que a honra da Pátria e o seu futuro estão salvos! — trabalhando, como simples operários, na remoção de escombros, na construção de novas casas — cidades novas que se erguem sobre o solo bendito da França!

No Havre, uma das cidades francesas mais particularmente atingidas pela guerra, principalmente pelas operações de desembarque, o trabalho da mocidade das escolas tem atingido fóros de abnegação e sacrifício.

O porto estava inutilizado, as casas destruídas e as ruas obstruídas por escombros de toda a espécie.

Logo após a libertação, equipes de trabalhadores de tódas as classes retiravam os escombros. Os estudantes, vieram ajudá-los.

Equipes especializadas vieram de toda a parte para apressar a reconstrução do Havre, símbolo da Resistência francesa.

E trabalhouse bem!

Já surgem casas reconstruídas, paredes de tijolos, mas é preciso ir depressa, pelo que se recorre a barracas desmontáveis e facilmente transportáveis, pois o inverno aproxima-se e é necessário abrigar toda a gente. Mas o esforço dos estudantes franceses, ajudando a população, não ficou por aqui. Grandes artérias estão previstas para facilitar a circulação interior e o rápido acesso ao porto. Edifícios públicos muito vastos e modernos estão igualmente em vias de construção.

Os estudantes, particularmente desejosos de contribuir com o seu esforço para a reconstrução da cidade, responderam ao apelo dos seus habitantes e, às centenas, vieram ajudar a acelerar a reconstrução do Havre.

E um dia, quando já médicos, advogados ou engenheiros, inteligências e vidas ao serviço da França, esses homens poderão dizer, orgulhosamente: — Eu ajudei a construir uma cidade francesa!



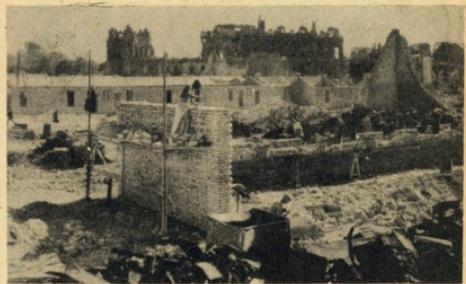
Os estudantes, em sentido, assistem ao içar da bandeira tricolor numa casa que estão a construir!



Os estudantes franceses trabalham, afincadamente, na remoção dos escombros



Casas novas começam a surgir — surge uma cidade, ressurge a França!



Todo o Havre é uma imensa oficina. Estudantes e operários trabalham como irmãos — como franceses!

Eu! pai, era droguista na Rua Mère-Dieu. Tão longe quanto posso levar o fio das minhas recordações estou a vê-lo com uma longa barba branca, roída pelos ácidos e manchada de amarelo e melchão. O xofre que vendia em quantidade, a altura das vindimas. Outras coisas esqueci para mim era o cheiro químico da loja.

Ninguém descobria agora na minha terra natal a Rue Mère-Dieu. Deram-lhe o nome de um versador. Juro que chorei estupidamente quando soube disso.

A Rua Mère-Dieu não se parece com qualquer outra. Subia muito diluída com a calçada quase sempre viscosa. O sol quase não entrava lá por causa da orientação e da altura excessiva das casas. A certa altura, em frente do «Planteur de Caiffa» que expunha nas montanhas, estrelas como janelas, os prêmios destinados aos bons fregueses, a calçada acabava e erguia-se um chão de pedregulhos duros como cimento. Já não era, porém, a Rua Mère-Dieu. Havia ali uma espécie de fronteira na qual paravam os meus terrores e os meus prazeres.

Para descrever a Rua Mère-Dieu seria preciso um livro. E que, a bem dizer, a Rua Mère-Dieu era um mundo. Cada uma das suas casas suscitava um problema e vejo hoje que não conseguí resolver nenhum, durante os dez anos de vida que lá vivi.

A escola ficava uma dúzia de portas além da drograria. Já era uma rapariga crescida, mas por nada deste mundo seria capaz de fazer aquele caminho.

Meu pai protestava, zangava-se, jurando não consentir que o calzeiro me levasse e que eu ficaria para sempre ignorante como castigo da minha estúpidez. Ou ouvira e calava, direita como um tronco, enxugando os olhos com a ponta do meu avental preto. Ouvia-se então a voz lamentosa de minha mãe, erguendo-se da cama onde a sua febre crônica a tinha prostrado. Meu pai voltava às costas, resmungando qualquer coisa como uma injúria, e o calzeiro

punha o boné e seguia à minha frente.

Ninguém sabia a razão do meu medo. Parece-me que preferia que me arrancassem o coração a ter de revelar.

A razão era a mãe Raffron, que nunca sala da janela, situada a meio caminho, entre a drograria e a escola. No verão, a janela estava entreaberta e no inverno a velha erguia uma ponte da cortina de tule para observar a rua. As vezes, insultava os transeuntes com quem não sympathizava, mas quasi sempre permanecia imóvel e silenciosa, sem nunca ter entre mãos um trabalho de agulha. Só os seus olhos pareciam vivos. Eu não me lembrava sequer de que ela pudesse ir dormir, sentar-se à mesa ou tratar da sua pequena casa. Para mim, a velha estava encrustada no ângulo da janela. Duvidava até de que ela estivesse viva, se não fossem as cenas escandalosas que periodicamente enchiam de barulho a Rua Mère-Dieu.

Nesses dias ouviam-se urros. A rua, incrivelmente sonora, amplifica a voz da mãe Raffron, uma voz rouca, engançada e arquejante que contrastava com os gritos frenéticos dos garotos amotinados.

Meu pai, que labutava constantemente na loja, encolhia os ombros e dizia em tom descontente e resignado: «A mãe Raffron está com um grão na asa». Quería isto dizer que ela estava atordada, não bêbeda. Tocada, em suma, pois esta palavra vulgar é a única que pode traduzir o estado da velha quando bebia. Vinha para a rua com a vassoura e declamava contra os vizinhos que fechavam as portas e se metiam prudentemente em casa. Em compensação, todos os garotos do bairro acorriam. Cercavam a mãe Raffron, dizendo-lhe chufas e obscenidades. A velha corria-os. Os garotos fugiam, e, às vezes, a velha caía quando queria deitar a mão a um sargalhado cruzado súdavam esta velha delirante da ceta.

Eu refugiava-me no meu quarto.

«Papa os ouvidos. Tenta a cabeça

debalço do traverseiro. Soluçava. Aquêles gritos, aquelas imprecações enchiam-me de terror e de desespero. Causavam-me horror à vida. Não exagero se disser que sentia desejo de morrer. A mãe Raffron já cozia a bebedeira há muito tempo e ainda eu estremecia e me sobressaltava ao menor ruído que se ouvisse na rua, com medo de que die indicasse nova cena bárbara. À noite, ao jantar, tinha alheiras e movimentos tão bruscos, que deixava cair a colher ou o pão. Meu pai notava o meu estado, mas nunca se lembrou de estabelecer relação entre essas crises de nervos e as «pielas» da mãe Raffron. Era droguista; não era observador.

Certa tarde, houve fogo na loja. Um depósito de drogas com líquidos inflamáveis, madeiras e verrizes arde depressa e perigosamente. Desceram a minha mãe num colchão e levaram-na para o asilo das Irmiãz-nhas, que fica à entrada da Rua Vimeuse perto da esquina da Rua du Rempart. A mim esqueceram-me. Tinham-me visto sair e salva e ninguém se preocupou comigo. Sobre a Rua Mère-Dieu as arestas. Toda a parte baixa da rua estava cheia de pedregulhos e exófitos que man-tinha os curiosos a certa distância da drograria incendiada. Os bombeiros derramavam e não se acouçavam via o toque de clarim a chamar carpinteiros, pedreiros e outros operários que constituíam a companhia. O incêndio não produzia labaredas; só, de vez em quando, relimpagos fortes que arriam a exófito que man-tinha o fumo sulfuroso e colorim a fachada da engomadora que fica em frente da drograria. A brevidade do que surpreendia. Apesar do hábito, as estranhas mercedarias acumuladas na loja de meu pai aterravam-me e eu sabia que um dia arderia aquilo tudo.

De repente, repari que estava encostada à casa da mãe Raffron. A velha não estava à janela. Estava no ângulo da porta, com um grande gato e estendia a cabeça para não perder nada do espectáculo. Quando vi aquela cabeça a um metro de mim, quando o meu olhar encontrou aquele olhar castanho e frio, o chão colou-se-me aos pés. Não pensei mais no incêndio, nem pensei em fugir. Antevi de novo o que ia passar-se e hoje ainda, após tantos anos, basta-me fechar os olhos e penso nesse dia, tão reconhecível no peito, cheirando a exófito queimado, aquele mixto de horror e de resignação que se apoderou de mim. A velha safu da sua embocada e avançou para mim. Segrou-me pelos ombros. Era uma mulher com uma enorme talvez. O meu queixo ficava a altura da algeibra do seu avental dourado e eu via os seus dentes. Apertou-me contra ela, esmagando-me com a massa do seu corpo fêz-me dar uma volta; ergueu-me e apertou-me para dentro de casa, depois para o quarto contíguo à casa da frente atrás de cuja janela passava os dias.

Eu podia ter gritado, mas não gritei. Folia ter gritado, mas fiquei inerte. O medo supersticioso que a velha me inspirava equivalia a uma verdadeira fascinação. Para a minha imaginação excessiva, era uma espécie de gênio da fealdade e do pecado e eu sentia por ela, ao mesmo tempo, uma grande pena e uma grande repulso. O quarto para onde me tinha levado recebia luz expresso é forte porque a luz era apenas triste poeira de um pálio que se via pela porta e me dava vidracas e que devia parecer-se com a drograria onde eu tinha passado

a infância entre latas de tinta e garções de tecido. Contudo, a mãe Raffron pareceu-me medrosa e pensou, aterrada, que ela me ia entregar ali depois de me matar.

Largou-me, examinou-me com curiosidade, surpreendida, talvez, pela minha fealdade, e depois tomou por sangue-frio. Depois, com uma voz que nunca esquecerei — uma voz, um tempo, masculina, terminou: — fêz-me esta pergunta espantosa: — Foi o teu pai, não foi, que detou o fogo?

Nessa altura ouviu-se no alto da cidade o clarim dos bombeiros que se decidia a atacar o fogo. Ouviram-se também estampidos. Soube mais tarde que eram causados pelas latas de verniz ao explodirem. — Não te fagas de novas, abote a mãe Raffron. Toda a gente sabe que teu pai vai mal de negócios e que tem um seguro. E se a tua mãe fica no fogo o lucro será dobrado. Não te fijas, não te fijas. Disse eu lavada em lágrimas. Levaram-na para a Irmiãz-nhas.

Ah! exclamou, como se tivesse ficado despondada.

Eu não me lembro do tamanho do medo um pouco de coragem. E tu sabes plique!

— Deven amador à minha procura.

Deixei-me ir embora.

— Não!

O relato do incêndio era contínuo agora. Ouviu-se também um rumor da multidão e mais uma vez as notas do clarim foram tocadas. A minha paciência ter-me esqueceu. Passou o olhar pelo pequeno quarto. E os meus olhos foram sobre o movimento dos dedos, viram-nos parar sobre um gato empalhado e sobre uma pátria amarela. Foi sobre o retrato de um garoto de uma das anos. Tinha um bibe escuro e de Viam só-lo resto de um grupo, porque lhe faltava um bocaco do cotovelo, tapado, sem dúvida, na fotografia por um segurança. Os cabelos curtos cobriam-lhe o crânio como um boné apertado e tinha um ar enigmático, acabado, de sofrimento.

Vi o seu pai val, com certeza, dentro do fogo a toda a rua Mère-Dieu, incluindo a minha pobre casa e o quarto em que está este retrato. Não sei que me estava a dizer, mas parecia que eu ia morrer queimada!

Eu devia ter ultrapassado os limites do pavor, pois esta terrível ameaça nada acrescentou ao meu medo. Tinha já medo de um grupo para o garoto de bibe preto. Sentia uma pena fraternal, pensando que eu não devia ser prisioneiro da mãe Raffron.

— Estás a olhar para o meu neto?

Não vivo tempo. Não sei quem. Saudade — um acesso de cólera. Voltou a notar-lhe na voz o tom furioso e disse que me estava a distância quando ela corria os garotos do bairro à vassourada.

Tinha dez anos. Foi a tua rua, foi a tua miserável rua de gente suja e canalha que o fez morrer.

A minha rua? Porquê? — exclamou eu mais ferida por este ataque do que o fóra pela acusação feita a meu pai.

— A Rua Mère-Dieu! A Rua do Diabo é que devia chamar-se! O teu pai enviava a tua mãe para a rua, mas também. Todos vocês a evencenam. Quando o meu neto veio viver contigo, tinhas do cargo. Seis meses depois, morria nessa cama.

E, animando-se mais, com uma voz que eu não esqueço, a Rua do Diabo que matou Mistrig. Uma encontro-o na sala com um buraco à cabeça por onde a vida fugiu, com a tua Rua do Diabo letrada de fogo, quando eu tinha neste mundo. Agora, arde. Escuta. Não ouves o crepitar do fogo? E bem feito! Bem feito!

E deatou a rir. Apesar do medo que me dominava, a minha memória registava os mínimos pormenores da minha infância. Para a minha imaginação excessiva, era uma espécie de gênio da fealdade e do pecado e eu sentia por ela, ao mesmo tempo, uma grande pena e uma grande repulso. O quarto para onde me tinha levado recebia luz expresso é forte porque a luz era apenas triste poeira de um pálio que se via pela porta e me dava vidracas e que devia parecer-se com a drograria onde eu tinha passado

(Continua na página 16)

NA PRÓXIMA SEGUNDA-FEIRA, 22, LEIA



VITÓRIA

DIÁRIO DA TARDE • JORNAL DE TODOS E PARA TODOS

VITÓRIA É O SEU JORNAL!

"AMBIGUIOSOS" LISBOETA

Todos os climas geram as suas doenças. É um facto, que as seções, as palustres e as "stades" são oriundas dos terrenos pantanosos úmidos, cheios de mosquitos. Há, porém, fora desses males físicos que atormentam o homem — outros de efeito moral, resultantes de viver no clima da sociedade. Um deles é — a "sambicionite", um carácter epidémico, tem já no activo muitos casos funestos...

A "sambicionite" é o apêndice do "volfrâmio" — espécie de loucura espontânea que avassalou, durante anos, nacatas terras da província, afugentando os braços fortes da lavoura e empurrando, numa encurrada, os trabalhadores para essas bocarras negras das minas — onde a morte enervita e os pulmões estorram. Foi uma febre alta que, num ápice enlevou, no fogo da riqueza, tudo quanto vivia da enxada — e quis, num legítimo ansio, trocar o caldo da malga pelo prato burguês, bem temperado. O resultado tóda a gente o viu. As notas invadiram a aldeia. Não houve casinhoto, de lata e côlmo, na região do volfrâmio que não tivesse, em cima da arca uns quilos de minério, — que, trocados, davam essas sedutoras moedas, com que se compra o bem-estar...

De noite, os que não mourejavam na mina, vinham, como os répteis, escafolando as mãos nos penhascos, embasreados de ambição, para, em luta com os guardas — e houve casos de morte — poderem roubar aquilo que era deles — porque o chão, aquele chão de riquezas, pertencia à aldeia. Sabese também, a figura botada por essa gente que explorava o minério, mal chegava à cidade.

Os jornais, mais duma vez, contaram os casos pitorescos daqueles que, sem conhecerem uma letra, queriam canetas — de tinta permanente, das mais caras — que era só para meter vista. Esse reinado da "sambicionite", porém, acabou.

As minas, os engenhos, as bocarras perfuradoras e aqueles rebanhos humanos, mal comidos, intoxicados, cadavéricos, deixaram de existir. Apenas a terra chagosa, ferida, espera que a saírem com adultos, para que volte a refloreecer, no seu dorso, a vegetação benévola, que é a sua pele. Os trabalhadores que fizeram da terra e da enxada a sua epopeia, voltaram, destituídos, às várzeas, aos vales, outra vez curvados — já sem a febre do ouro que os estontou.

Essa "sambicionite" poderia ter sido funesta.

A terra e o mar dão a manutenção do homem.

E agora, só do sol, a tanta gredada e seca, espera o retorno à sua vida — para se encher de pulância nas costas que os engenhos feriram.

Apenas em Lisboa, ficarão, a "sambicionite".

Essa não tem cura. Vive e medra no clima lisboeta.

E ainda bem que é, praticamente, uma doença feminina.

A mulher tem hoje uma ambição legítima: casar sem ser por anúncio.

E há, para muitas, um desgosto enorme que nunca se larga: em vez de nascerem no bairro da Graça — queriam estar ser baptizadas em Hollywood.

MANUEL MARTINHO



A mesa do júri no mesmo torneio, que despertou grande interesse.



Um aspecto do mesa do banquete entre os concorrentes ao Torneio Charadista José Daoss, realizado na Casa do Distrito do Pôrto.

O sr. Presidente da República e o sr. Embaixador da América junto da maquete do "Standard Electric", cujo certidão da primeira pedra se realizou há dias.



Um grupo de portugueses que terminaram o curso de Estudos Hispânicos neste verão de 1945, na Universidade Internacional Menéndez y Petyo, em Santander.



MARIA CÂNDIDA
LOCUTORA, CANÇONETISTA E ALUNA DE ENGENHARIA. VAI DEIXAR DE FALAR PARA OS OUVINTES DE RADIO CLUBE PORTUGUÊS

Foi assim... Respondi a um anúncio em que se pediam locutoras para uma estação particular... Dois ou três dias depois recebi uma comunicação do Rádio Continental, para me apresentar. Foi o e misterio que para mim a Rádio representava, começou a desenvolver-se...

Minuto a minuto, sentime cada vez mais presa da Rádio... Assim comecei a ser locutora, de principio hesitante, como é natural, depois ganhando confiança nas minhas possibilidades... Maria Cândida, locutora do Rádio Clube Português, preencheu desta maneira, o primeiro requisito que lhe demos. Não deixa de ser curioso salientar que, foi por um anúncio de jornal, que ela pôde ver satisfeitas as suas aspirações: — envolverse no misterio da Rádio.

— Mantevase muito tempo no Rádio Continental? — Pouco, tempo. Do Rádio Continental passei à Voz de Lisboa, que me convidara. Também o período de locução foi curto, porque o Rádio Acordém e o Rádio Peninsular manifestaram interesse em que eu actuasse aos seus microfones!...

— Correu quieto tódas as estações emissoras de Lisboa... — Ainda faltaram algumas... Na Rádio Peninsular, entretanto, não cheguei a fazer locução, mas apenas interpretei alguns programas. Havia também que contar com a minha vida de estudo...

— Ah! Você estudava... — Estudava e estudo... Sou aluna de engenharia... Embora com muita mágoa minha, não podia dedicar-me inteiramente à Rádio... Mas as coisas sucedem quando menos esperamos... — Então?...

— Mas, como ela está em pleno trabalho, faz-se uma pausa para que Maria Cândida possa dar um anúncio, em que proclama que os sapatos da casa *tal e tal*, são os melhores do mundo... Fechado o microfone, a locutora do Rádio Clube Português, diz-nos:

— A Emissora abre um concurso para locutores. Concurso. Faço as minhas provas e enquanto aguardo as declarações, o R. C. P., onde já havia um mês interpretava um programa, convidava-me para o seu quadro de locução. Aceitei imediatamente e não estou nada arrependida de o ter feito. Excelentes camaradas; trabalho bem orientado, em suma, esplêndido ambiente! E aqui me tem, há mais de meia dúzia de meses... — Falei-nos agora da sua nova actividade: cançoneta!...

— Maria Cândida ruboriza-se ligeiramente... — Talvez seja ainda cedo... — Pelo contrário. A ocasião é ideal... Convém não esquecer a sua propaganda, tanto mais quando não é voce à pedreira... — Mas o público é que não sabe... — Sabemos nós. E seremos nós próprios que o

(Continua na pág. 14)



Partiu para Paris a delegação portuguesa à Conferência Internacional do Trabalho, que é composto pelos sr. dr. Mário Madeira, Eng. António Calheiros, Tomás de Aquino da Silva e dr. José de Almada alóm do sr. dr. Augusto de Castro ministro de Portugal em Paris.



O sr. Ministro da China ofereceu uma festa ao corpo diplomático e diversos outros individualidades, pela passagem da data da festa nacional Chinesa.



O sr. Maxime Vaultier chefe da casa, espirito empreendedor e dedicado amigo do seu pessoal discursando no carimínio da inauguração.



GARCIA VIÑOLAS



LEITÃO DE BARROS

O FILME "INÊS DE CASTRO"

OBTEVE O PRÊMIO DE 400 MIL PESETAS COMO A MELHOR PELÍCULA FILMADA EM ESPANHA NA TEMPORADA PASSADA

Os jornais deram a notícia: «Inez de Castro» obteve o prémio máximo da cinematografia espanhola. Muito embora o facto não nos surpreenda, porque representa um acto de justiça, não queremos deixar de o arquivar nas nossas colunas, pelo que tem de lisongeiro para os técnicos portugueses que naquela produção luso-espanhola intervieram decisivamente. «Inez de Castro» representa um triunfo da cinematografia ibérica. E o fruto da colaboração de alguns dos elementos mais representativos da indústria dos dois países. Se a Espanha emprestou ao filme a organização e as admiráveis possibilidades da indústria, Portugal levou até lá o argumento, um realizador e, além de vários técnicos e colaboradores artísticos, um núcleo de intérpretes, dos quais destacamos António Vilar, cuja actuação contribuiu extraordinariamente para o êxito do filme. Portugal e Espanha compartilharam, assim, por igual, da honra do Grande Prémio do Sindicato Nacional do Espectáculo.

Aos realizadores cabe, por via de regra, o louvor pelo êxito, e a censura pelos insucessos que os seus filmes possam alcançar. Não queremos, deste modo, deixar de dirigir a Leitão de Barros e a Manuel Augusto Garcia Viñolas as felicitações a que têm jus. Leitão de Barros, premiado na Bienal de Veneza, obtem a segunda consagração oficial do seu labor, além-fronteiras. Garcia Viñolas, premiado também em Veneza, recebe, agora, no seu País, o justo galardão de uma vida de trabalho e de estudo em pró do cinema.

O Grande Prémio, no valor de 400 milhões de pesetas, será em parte dividido pelos técnicos e artistas que intervieram na feitura de «Inez de Castro». As percentagens respectivas serão oportunamente fixadas pelo Sindicato Nacional de Espectáculos.



O sr. Presidente da República visitando as novas e magnificas instalações industriais do importante casa H. Vaultier.



Todas estas barcas andam no rol-rum da pesca de sardinhas! Aqui se vemm no doco, antes de largada.



Aguardando a chegada das barcas que andam na faina.



A partida para a pesca de sardinhas, as tardadras.



Vai começar a descarregar-se a sardinhas!



As varias quantias e chegada da pesca.



A saída para o mar.



Que bonito é em bordo cheio de sardinhas.



As sardinhas passadas da praia!



Quando se vence o barco se abate o bordo. É a pesca oficial! Vemm as sardinhas repassadas!



Olhada o mar, imcomparavelmente.

A PESCA DA SARDINHA

Epopeia dos Pescadores!

N'uma ilha de castiçal, no largo povo e pescador, a pesca sardinha é uma das mais importantes da região. Os sardinheiros saem para o mar com as suas barcas, com as suas redes, e vão à procura do peixe. A pesca é feita com redes de sardinha, e os pescadores usam as suas barcas, com as suas redes, e vão à procura do peixe. A pesca é feita com redes de sardinha, e os pescadores usam as suas barcas, com as suas redes, e vão à procura do peixe.

Os pescadores usam as suas barcas, com as suas redes, e vão à procura do peixe. A pesca é feita com redes de sardinha, e os pescadores usam as suas barcas, com as suas redes, e vão à procura do peixe. A pesca é feita com redes de sardinha, e os pescadores usam as suas barcas, com as suas redes, e vão à procura do peixe.

A pesca é feita com redes de sardinha, e os pescadores usam as suas barcas, com as suas redes, e vão à procura do peixe. A pesca é feita com redes de sardinha, e os pescadores usam as suas barcas, com as suas redes, e vão à procura do peixe.

ESTRELA DO MAR

Foto JOÃO MARTINS



No alto mar.



Vendem-se a peixe todo! E os barcos ficam longos — como se não streamem lá a pesca!



Enchendo-se os sacos. A pesca é feita, mas não termina!

Entradas de muitas sardinhas, na ilha.

Uma tribo de músicos

(Continuação da página 21)

que me animara com o seu acolhimento. — Mas infelizmente foram-nos apreendidos pela Alfândega... — Mas temos-nos dado bem — corrigiu o homem, recendo que tomasse a mão do esculptor da Zaida. Aqui os franceses... e somos quasi todos franceses — gozam de muita simpatia.

— Franceses? Mas a língua que falam...

— Ah! Entre nós, usamos um «patuás» de flamengo...

Pouco a pouco, foram saindo das cartilhas, como coelhos de toca, o componente do curioso bando e eu ainda estou por perceber como dezenas de pessoas conseguem caber em meia dúzia de carros!

Quando deli conta, já estava rodeado de toda a numerosa companhia. E tão numerosa ela era que, supponho, a minha escuridão me deu um espanto, visto que o meu interlocutor, Jean Zigler, sorriu e referiu:

— E já cá não estão todos... Uns, enervados com esta expectativa, partam; outros não chegaram a vir para Portugal, porque as leis militares lho proibiram; outros ainda, estão internados num hospital... Enfim, uma família numerosa...

— Mas pertencem todos à mesma família?

— Posso afirmar que sim. Uns por lapsos de sangue, outros por lapsos de amizade. No entanto a maioria usa o meu apelido: Zigler.

— Em Portugal continuaram a dar espectáculos?

— Em princípio exilimo-nos em Évora, Beja, Vila Franca de Xira... Depois, como alguns artistas comessem a debandar, tivemos de desistir do intento que tratávamos. Agora trabalhamos em consertos de violinos. Confiam-nos-los escavacados e devolvemo-nos como novos!

E o Jean Zigler mostrou-me a obra em que estava empenhado e que interrompeu quando neguei.

— Vê? Este violino estava rachado em dois sítios. Nós consertámo-lo sem prejuízo do som. Graças a isto, grandêssimas relações com alguns músicos portugueses.

Mirei o violino e consegui descortinar, a muito custo, umas creanças quasi imperceptíveis, feitas com tal perfeição, com tal habilidade que fiquei perplexo.

O Basílio Cristo sorriu da rainha admiração e acrescentou: Agora só falta enventar...

— E as suas camaradas, a que se dedicam?

— Os outros, uns trabalham em incêndios — somos todos encartados e sabemos de engenharia de automóveis; — outros afinam instrumentos musicais; outros ainda, negociam em gado... Em resumo: adaptámo-nos às circunstâncias... Os artistas de circo estão sempre preparados para as ambulâncias da vida...

Um curto silêncio. O relinchar prolongado duma almaria, marcou o ambiente uma nota campestre.

Ao meu lado, um garoto moreno, mediano e curioso com os olhos vivos. Afaguei-o. O Jean Zigler agradeceu-me com um sorriso.

— Também é artista?

— Há-de vir a ser — garantiu, com um sorriso de papá vaidoso. — Tem seis anos e já toca violino...

E voltando-se para o garoto: — Cê sabe qual buscar o violino?

Obedeceu. Afinou o violino — um rabeço para a sua pequenez — e atirou para cima do meu paesmo, umas Czaradas e a Serenata de Schubert.

Institivamente aplaudi-o. O.s aplausos estimularam os artistas. E um por um, foram exibindo as suas habilidades. O Basílio Cristo fez volteio; a Zaida delectou-nos com as notas dolentes da sua viola; a Miliona fez execução danças típicas com requiebro de odaliscas; ballaram depois a Fabiana e a Fabien; reunidos na sua «Orquestra Cigana», espantaram-nos com o seu duplo conjunto e, por fim, o pequeno César rompeu com uma canção portuguesa em voga.

O porvêlo ocorreu curioso e formoso circolo à nossa volta. Um velhote de felções arroxeadas, com um sentimentalismo avinhado, lágrimas a escorrerem-lhe dos olhos piscos, lamuriou:

— Faz-me pena, que hei-de eu fazer? Faz-me pena, ver esta criança tão bem educadinha... Lembro-me dos meus filhos que têm sido uns estúpidos para o pai...

Foi uma nota portuguesa naquela rapadésia de artes, que não deixou de ter, o seu pitoresco.

O Zigler, olhou o velhote e não pôde reprimir um sorriso, pelo seu todo burlesco.

— Ainda há pessoas mais infelizes do que nós...

Encostado a um carro, assisti ao desenrolar daquele espectáculo improvisado e saí de mim próprio para viver, por momentos, esquecido do dia a dia, sempre igual, a incerteza daquela vida errante; para sentir a música de suave encantamento, daquele poema, sublime de singeleza, escrito por aquelas cartilhas tócas, pelo perfume das flores silvestres, pelos sorrisos e pelos cantares daquelas mulheres bonitas.

— Para onde vão?

Oh! Quem me dera poder responder, como eles, com um vago encher de ombros, para exprimir o sem-destino da minha vida!...



...SEGUROS CONTRA TODOS OS RISCOS DA CAÇA NA

COMPANHIA DE SEGUROS R. GARRETT, 50 LISBOA

COMPRADO PELA MÃE

Comprou-o para si e para o seu filho. Agora até o pai o toma!

LAXOBAC o novo chocolate laxativo é o remédio para toda a família. Suave e, mais firmemente, LAXOBAC obriga os intestinos a uma regularidade de funções cronométricas; e o seu sabor é tão agradável que todos gostam.

LAXOBAC

Em todas as farmácias a Escudo 5850 e 12900 cada caixinha. Lembre-se do nome.

Maria Cándida

(Continuação da página 10)

diremos ao público... Ora bem: canta há muito tempo!

— Sim, desde miúda... Nunca, porém, me tinha apresentado em público. Aqui no Rádio Clube Português com as facilidades que me foram prestadas, entusiasticamente e decidi dedicar-me então decididamente ao canto. Já fiz vários recitais nos estúdios, fui vocalista dos «Ecléticos do Ritmo», interpretei alguns papéis as emissões infantis e colaborei na festa do Rádio, organizada no Casino Estoril...

— Bem vê... Não me ficará bem...

— Pois deserto que não... Não é a sua opinião que peço, mas sim a dos ouvintes...

— Sim. Felizmente as cartas que (enho recebido são encorajadoras e muito gentis...

— Que género prefere?

— Gênero ligeiro, sem dúvida. Canções espanholas, francesas, inglesas e sobretudo flamengas, enquanto não aprendo a cantar em tirolês...

— Mas o fado também me encanta...

— Portanto está firmemente disposta a continuar a cantar?

— Sim senhor! E sem qualquer ideia de louvança! É justo que eu manifeste a minha gratidão ao sr. Vitor Santos, director do R. C. P., que me tem dado as maiores facilidades, para que eu me possa preparar...

— Gostaria de fazer teatro?...

— Não.

— E cinema?

A alegria espelha-se no semblante de Maria Cándida:

— Immano. E creio que em breve, num complemento musical realizado por António Lopes Ribeiro, intitulado «Ritmo e Melodias» terá essa oportunidade. Mas não de ainda esta notícia como certa...

— Claro que não... Olhe, Maria Cándida, como conseguirá você ter tempo para tudo: locutora, cantora, artista de cinema e candidata a engenheira!...

— Resposta curta a surgir. Há qualquer coisa que Maria Cándida pretende, a um tempo, dizer e guardar. A sua hesitação é evidente. Deixar-se de a falar ao fim e outro começa a rodar... A noosa interlocutora levanta-se finalmente, confia-nos o que pensa fazer:

— Exactamente. Tem razão. Por isso menciono apresentar a minha demissão de locutora oficial... Plicar sómente como cancionista e organizadora de programas. Deixar de ter horário fixo, inerente a uma função. Poderer desta forma manter a minha actividade radiofónica, filmar e concluir o meu curso!...

...Mas, uma vaga, portanto, em aberto, nos quadros de locução de uma estação emissora!

— Mais uma voz que deixa o dia-a-dia, para aparecer apenas semanalmente, em programas especiais...

— E insignificante o sistema... pois de um sistema parece tratar-se... está em voga! E caso até, para apresentar, depois de Maria Cándida, quem se seguirá, na adopção do «figurino»!!!

L. M.

DETECTIVE MAGAZINE

O GRANDE SUPLEMENTO POLICIAL DE A JORNADA MUNDIAL ILUSTRADA

SAIU O NÚMERO 10

96 páginas Esc. 2350

ACABA DE SAIR:
CONDE DE FARRBO MEMÓRIAS DA SUA VIDA E DO SEU TEMPO
POR **EDUARDO DE NORONHA**

I belo volume com ilustrações e capa em cartolina: 15\$00
À venda nas livrarias

EDIÇÃO ROMANO TÔRRES

Pedidos desde já à
Rua da Emenda, 69-2.º - Lisboa



MARIA ALMIRA

VAI EXPOR NA "STOP"



ria Almira Medina, uma rapariga bonita e inteligente, que desenha tão bem, como faz lindos versos, vai expôr depois de amanhã, na Galeria «Stop».

Trata-se duma artista com múltiplas e excepcionais qualidades. Tirou o Curso Superior de Letras, mas tem a paixão de desenhar; desenha bem, mas faz versos primorosos. E assim, se não consegue fixar a sua actividade, consegue criar admiradores fêis em pessoas de variadas preferências.

Temos aqui à frente um monte de trabalhos de Maria Almira: — desenhos, carvão, caricaturas... E temos, também, uma poesia inédita. Esta é a poesia:

Vim dos abismos do mar
 Numa barca à vela
 Sem vela e sem vento,
 Vim de madrugada,
 Entre o sol e o luar,
 Ai, meu pensamento
 Era vento,
 Meus cabelos, vela,
 Ao mar abri minha música
 E o mar veio atrás de mim.
 Ai, minha lèia
 Era o abismo donde vim.
 Meu corpo a saber a sal
 Num vestido verde-de-alga
 Era uma lira a sonhar, a
 sonhar, a sonhar...
 Meus dedos tangendo
 Eram gaiotas voando,
 Pairando,
 Sonhando abismos no mar.



Maria Almira vive em Sintra, onde seu pai dirige o *Jornal do Sintra*. E, de vez em quando, desce a Lisboa, a mostrar, recosa e tímidamente os seus trabalhos — quasi que a pedir desculpa de ter talento...

A Crítica, que lhe consagrou o livro de versos que publicou, vai, agora, dizer de sua Justiça sobre a exposição. E a Maria Almira confia, modestamente, mas numa modestia que não é fingida, na bondade dos outros, quando, afinal, tantas razões tem para confiar em si própria!

— Você já viu o talento que tem esta Maria Almira? — dizia-nos, há dias, esse extraordinário escritor que é o Dr. Ribeiro Couto, Encarregado de Negócios do Brasil.

— Já vimos, sim! Mas queremos que também o vejam os leitores e por isso lhe dedicamos esta página!



Caminho do fonte dos amores em Sintra.



Outro aspecto de Sintra, feito à pena.

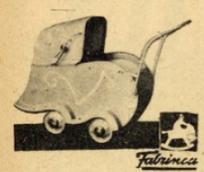


Admirável apontamento de Monserrate.

Morlene
 Grete Garbo
 Betty Davis
 Claudette Colbert



CARRINHOS PARA BEBÊS E CADEIRINHAS



A pronta e com facilidades de pagamento

J. COSTA & SILVA, L^{DA}
R. Arco do Bandeira, 79, 1.^o
LISBOA — Telef. 2.6713
(Atendem-se pedidos da provincia)

A RUA DO DIABO

(Continuação da página 8)

—Is e as minhas netas também. Tu és, que tinhas medo de passar em frente da minha janela. Isso me tem dado, há muito tempo, desejos de te meter aqui. Se o sr. Sarrion soube que a mulher o enganava, foi graças à mãe Raffron. Partiu-lhe a cabeça; foi graças à mãe Raffron. Conheço todas as porcias da Rua do Diabo; todo o mundo as comeria; e os burguezes escodem em re a pele e a camisa. Amanhã será a justiça que o droguista deitou fogo à loja para roubar o seguro; será ainda a mãe Raffron.

—Isso não é verdade! Como é que você o sabe?
—Sei-o e basta. Pensas que não sei também que vocês dão dinheiro aos galitos para que se metam comigo quando estou com uma pinga? Bem sempre que vou recusa a um pensamento. É a minha única felicidade, desde que vocês me mataram o neto e o gato.
Levantou-se tão ameaçadora, que eu julguei chegado o meu último minuto.

—A tua Rua do Diabo! Tenho-lhe ódio, sabes?

E saiu bruscamente, fechando-me à chave.
Como foi que eu não morri dez vezes durante as cinco horas que se seguiram? Eis uma pergunta para a qual não encontro resposta. Ouvi toda a parte sonora do fogo; deflagrações de matérias explosivas, o ruído da água ao cair sobre o brasão, os gritos da multidão, a queda do vigamento e das paredes, o confuso e terrível runcir que envolvia o sinistro.

Só já neto fechada se conseguia extinguir o incêndio. Procuravam-me há muito tempo; começavam a supor que eu tivesse morrido no fogo. Por fim, houve vizinhos que ouviram os meus gritos e foram libertar-me.
A mãe Raffron não se sabia onde estava. Pelo menos até ao dia seguinte. Acabaram por descobri-la, a alguns quilómetros da cidade, a dormir num valado. Quando a acordaram, ficou um momento prostrada, teve depois uma crise de loucura furiosa, empurrou os que tentavam arrastar-se e fugiu para o bosque.
Foi preciso organizar uma batida para a capturar e para a levar para o asilo onde morreu.

—Eu tinha visto claro! O inquérito sobre o incêndio concluiu que meu pobre pai, amecado pela falência, deu fogo à loja, queimando um maço de estopa, e tão desastradamente, que a sua culpabilidade foi evidente. Era um homem franco, perséguo pela fatalidade.

LIVRARIA ECLECTICA

LIVROS NOVOS E USADOS

Compra grandes e pequenas bibliotecas

Calçada do Combro, 58 — LISBOA

Ideias e Imagens

(Continuação da página 3)

o recebia, em solene sessão, onde se punha a rever: toda a filosofia, desde Platão, o Divino, Maravilhoso! Eu que me dava com o sábio, não o tomava a sério. E por isso. E não sabia pensar, professava sempre opiniões extremistas e disparatadas sobre qualquer problema. Se no seu país qualquer equivoço surgia, anevia a subida dos radicais ao poder, ele apostava nos conservadores. Se estava para haver uma guerra no Oriente, a fraca cabeça dele transferia-a para o Occidente. Se se desejava uma temida ditadura, ele fazia-a esquerdista. Querdejer, o sábio só sabia o que via nos livros, nunca subscoria Informativa e apesar de ser professor de filosofia, não tinha na cabeça filosofia nenhuma.

Não se lhe podia aplicar o velho teste filosófico. «Qua filosofia há em ti, pastor?»
Eu disse que a cultura era assimilação; não é só isso, porque o seu resultado deve consistir em nos criar ou despertar idéias próprias. A atitude mental filosófica muito ajuda certamente a isto.

A mediunidade é hoje um facto positivo, pelo menos para aqueles que o observaram. Os que não o observaram poderão ler relatos de homens de ciência eminentes que experimentaram o fenómeno. O nosso cérebro traduz não só o nosso pensamento, mas outros pensamentos, da Terra ou de fora da Terra. Isto, para mim é certo. E, a meu ver, explica muita coisa.

É que já tenho lido com poetas maviosos, duma suavidade angelica, dum lirismo tenro e doce, que pessoalmente são uns malandros, e outros que exprimem coisas sublimes em versos, que são autênticos imbecis. Artistas de pintura, escultura e arquitectura, com grande qualidade, que são autênticos burros. Isto, confirma de certo modo os dados da antropologia criminal e da psiquiatria, que afirmam que há operários muito habéis, que são atrazados mentais.

Serão médiuns? Parece-me que são meros inspirados, meros aparelhos vibráteis e receptores, e que há forças occultas e misteriosas que lhes sopraram ao ouvido ou que lhes impressionam o cérebro.
Os médiuns nunca são pessoas de grande altitude.

A biologia diz que a função clara o órgão. Também se pode dizer, até soprarmos ao ouvido ou que lhes impressionam o cérebro.
Os médiuns nunca são pessoas de grande altitude.

Os grandes homens de Estado são aqueles que traduzem os desejos duma nação em factos concretos. As vezes, há excepções a esta regra. Um Pedro o Grande, um Carlos Magno. Mas homens assim são raros.

A experiência ensina-me que os medicos não podem compreender os homens de talento; as vezes têm certa intuição do talento dos outros; e neste caso, ao sentirem a sua superioridade, fuzep-lhes guerra, detestam-nos, odeiam-nos.

Por isso, é uma infelicidade quando um homem de talento tem burros como superiores hierarquicos; perseguem-no desalmadamente.

Mas se o homem de talento se eleva a um cargo social onde é visto de todos e o seu talento passa a ser cotação de importância, então o mediocre entoa-lhe os louvores, como o papagaio repete o que ouve. Eu não quero compreender como medicos os homens de coração e de carácter, porque estes, para mim, também são homens de talento, duma outra espécie, quicá mais elevada. Os sentimentos são os faróis da comprehensão.

A arte consiste na maneira de expressão, expressão communicativa, despertadora da sensibilidade dos outros.

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de cessar a coação. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o sllivo começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crastes, feridas, erupções, erisipelas na pele, etc. ATÉ HOJE NUNCA NÃO APARECEU em Portugal.

A venda em todas as farmacias e drograrias
Preço avulso: 11\$00



A pesca da sardinha

(Continuação da página 13)

feira; o Grilos de Loulé, que já pécou baleias; o Zé Malhado, de Ovar, que selho, quasi meio século entregue ao mar, trabalhava por sua conta.
Ho! mas o melhor, é o «Trinca» da Costa, que andou nos salva-vidas a acudir a naufragios, como um valente.

O seu «buque» o «Nossa Senhora nos Gules» é pequeno, mas com die ao leme, parece da «Mala Real». E o «Trinca» escolhe sempre para o seu «buque» e rapidada destemida. Os dois filhos do «Mulo», rapações, de peitaça de hercules que puxam uma tonelada de peixe de péis fincados como rochas — e almas danadas! — a cantalarono o «Fado do Marajo»; Os burcos começam a largar. Na praia, a familia começa a anear com lenços, que dizem «boa-viagem».

O mar ao longe, vai escurecendo. E acaba por perder-se de vista, o céro, que em boa-hora, deve voltar. Na praia debandaram-se os que tinham vindo desejar a boa-pesca. No mar a faina começa. Os mestres, os que leem nas ondas como num livro, vão olhando onde há-de deitar as rédes. Palpita-me, aqui!

Não é que aquilo seja um acaso. É que elles conhecem as correntes — e sabem donde vem o peixe. As luas, as marés, as correntes — é uma ciência aprendida no mar e posta em jôgo. E as rédes são lanquadas.

Depois, ao recolher, é um contentamento.
Al vão a saltar as sardinhas, prateadas, de dorso espalhante, que depois há-de encher de contentamento tantos lares pobres.

A tarde, quando a sardinha, vendida na loja, é arrematada pela varinha do velho apregoado pela cidade — ninguém já se lembra da faina, do ardor, da epopéa que o mar, teimoso, exigiu, ao trazer dum barco de peixe!

Sardinhas! Como ellas enchem de contentamento os lares dos pobres e são, até, a última tradição dessa esquecida boémia, fora de portos!

Rainha da Hungria
OS PRODUTOS DE BELEZA HA MUITO CONSERVADOS PELA MULHER ELEGANTE

RAINHA DA HUNGRIA

PASTA MEDICINAL Couto
TRATA TODAS AS DOENÇAS DA BOCA

Medicinal pequena — tubo 11\$00
Medicinal grande — tubo 17\$50
Vulgar pequena — tubo 4\$00
Vulgar grande — tubo 7\$00

Fika MATA
PERCEVEJOS BARATAS PULGAS TRACA

Vende-se nas Farmacias e Drograrias
Depósitos: Cada caixa \$500
Lisboa — Largo do Contador Mar, 4-A
Porto — Largo de S. Domingos, 108

NOS BASTIDORES DA RENDIÇÃO DA ITÁLIA

II

COMO FOI PREPARADO EM LISBOA O ARMISTÍCIO ITALO-ANGLO-AMERICANO

Por JOSÉ CORREIA RIBEIRO

♦ (CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR) ♦



O general Roatta, chefe do Estado-Maior de todas as forças armadas italianas, que enviou a Lisboa o seu delegado especial, general Zanussi. O general Beddol-Smiter, chefe do Estado-Maior da general Eisenhower, que esteve na capital portuguesa a preparar o armistício com Castellano e Montanari...

As condições de armistício preparadas antes de Smith e Strong terem saído de Argel foram lidas, uma a uma, pelo general Smith, em voz alta, firme e calma, fazendo pausas depois de cada cláusula, enquanto Montanari traduzia para que o general Castellano compreendesse.

Quando acabou de ler, o general Smith declarou aos delegados italianos que os termos do armistício deviam ser aceites incondicionalmente.

Castellano fez todos os possíveis para salvar a Itália da ignomínia da rendição. Afirmou que não viera realmente para pedir um armistício, mas sim para ver se seria possível cooperar com os aliados. Quería que a Itália passasse para o lado vencedor sem ter de se render.

Os representantes anglo-americanos

replicaram muito simplesmente que os termos de armistício tinham sido lidos e que se a Itália concordasse com eles, podia sair da guerra desde que os aceitasse sem discutir. Em seguida, traçaram diante dos olhos de Castellano o panorama do irrealistivo poderio aliado pronto a precipitarse sobre a Itália.

A tensão manifestada em torno da pequena mesa dissipou-se perante a firmeza e resolução da atitude anglo-americana. Castellano aceitou e pediu autorização para que o deixassem voltar a Roma para comunicar a Badoglio os termos militares.

Esta fase das negociações terminou rapidamente. Os emissários italianos foram ainda informados de que os termos políticos, financeiros e económicos seriam impostos separada-



Cartão de Wiant, o heróico chefe militar britânico, que desempenhou um papel preponderante nas negociações com o segundo ministro italiano.

mente em data posterior. A discussão dos termos de rendição foi, portanto, breve; mas, a sessão prosseguiu. Era necessário apreciar ainda muitos assuntos técnico-militares referentes às forças alemãs e italianas que guardavam a Itália. Tinha de se descobrir também maneira de comunicar com Roma. A situação em Itália e a deposição de Mussolini foram examinadas, a disposição das tropas cuidadosamente estudada, o método de rendição e de saída dos portos da esquadra discutido e preparado.

No aposento contíguo, encontravam-se alguns ajudantes que foram constantemente consultados, durante toda a noite, sobre os problemas militares e sobre a questão das comunicações entre Argel e Roma durante as fases finais da preparação do armistício.

O general Smith foi o principal porta-voz aliado durante a primeira fase em que o princípio da rendição incondicional esteve em discussão. Depois foi a vez do brigadeiro Strong. As informações dos serviços secretos britânicos sobre a disposição das tropas do Eixo em Itália foram confrontadas cuidadosamente com as informações fornecidas pelos Italianos.

Os negociadores aliados puderam, desta maneira, corrigir valiosas informações que foram utilíssimas às forças terrestres e aéreas nos dias seguintes. Duas das mais espectaculares operações das Forças Aéreas Noroeste-Africanas deram-se significativamente nos dias que decorreram entre a reunião de Lisboa e o divulgar do armistício a 8 de Setembro.

A primeira destas operações foi o bombardeamento do entroncamento ferroviário de Bolzano e ponto de passagem para o desfiladeiro do

Brenner. A outra foi um ataque concentrado nos subúrbios de Frascati, a poucos quilómetros de Roma.

Neste último ponto, supunha-se ser all um quartel-general alemão de grande importância, e os Italianos confirmaram. Depois desta incursão, amunicou-se mesmo que o quartel-general alemão tinha sido completamente aplandado...

Como fóra resolvido que os delegados italianos consultassem o marechal Badoglio sobre as condições de armistício, houve a necessidade de estudar a maneira de estabelecer meios de comunicação por intermédio dos quais fossem combinadas novas reuniões. Smith e Strong tinham previamente trazido de Argel uma pequena mala que deu a esta viagem secreta o toque final e característico duma verdadeira história de espionagem.

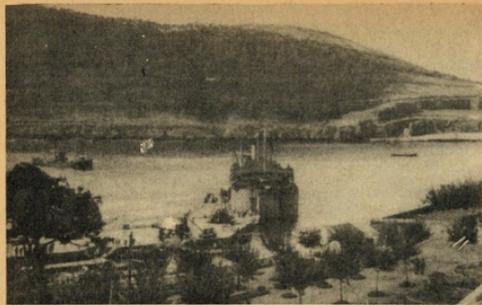
A pequena mala continha um aparelho de T. S. F. portátil. Este era bastante pequeno para ser transportado sem despertar suspeitas e bastante poderoso para transmitir mensagens de Roma para Argel.

Castellano e Montanari levaram consigo a mala quando saíram de casa do embaixador britânico às sete e meia da manhã. Todos os preparativos para escutar as mensagens de Roma tinham sido, entretanto, feitos. Este problema técnico foi o que consumiu maior espaço de tempo durante a última fase das discussões nocturnas.

Lisboa começava a acordar quando os dois Italianos saíram da casa do embaixador. Os primeiros trabalhadores começavam a sair para a rua e o tráfego renascia após as horas calmas da madrugada. Apesar de não ser natural que a espionagem estivesse vivente àquela hora tão

(Continua na página 16)

Os delegados de Badoglio que assinaram o protocolo do armistício italo-anglo-americano. Castellano está sentado e Montanari espera a sua vez de assinar.



A chegada ao porto de Funchal

Passaram dois anos. Mas todos nos lembramos da emoção com que o povo português recebeu a notícia do desembarque amigo das tropas britânicas nos Açores, cuja autorização, dada pelo nosso governo, era a prova cabal de que não tínhamos esquecido, nem poderíamos esquecer a nossa velha aliada.

Recebidos de braços abertos pela população, os soldados ingleses, e, mais tarde, os americanos, logo ali criaram e cimentaram fortes amizades.

E a sua extraordinária actividade, a que os portugueses se associaram justamente, logo se fez sentir: — no campo cultural, com o «Atlantic Echo», jornal da RAF e a Azonan Society no artístico, com a esplêndida orquestra, de que faziam parte figuras dos melhores conjuntos musicais londrinos,

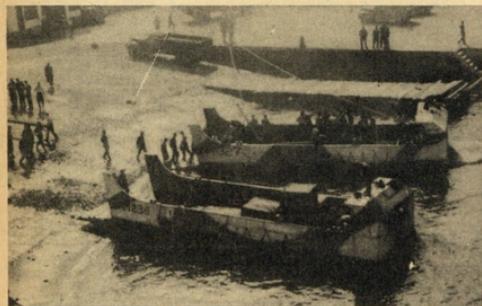


Desembarque dos primeiros soldados ingleses

e o belo teatro-cinema «Azonan», em cujo palco passaram imensos artistas; no campo desportivo, com Sambert, Mac Innaly e Milton, três azes do futebol inglês, que tomaram parte em famosos desafios; e, finalmente, no campo social, com importantíssimas dádovas às casas de caridade locais, e lindas festas de Natal dedicadas às criancinhas das ilhas!

Ainda no passado dia 7, os americanos fizeram uma larga distribuição de géneros alimentícios pelas casas de assistência de Angra do Heroísmo, de valor superior a mil contos, além de roupas e muitos outros artigos!

Tudo prova que a estadia dos bravos soldados ingleses e americanos nos Açores é mais um elo a fortalecer a amizade dos portugueses pelos dois países amigos!



Barcoas iguais às que serviram para abrir a 2.ª frente, desembarcam homens e material



De dentro do «monstro» saem os mais variados tipos de carros



Parte da frota de desembarque, do qual fazia parte o porta-aviões de escolta «Fencer»



Ao festival desportivo realizado em 8 de Outubro de 1944 no campo de jogos de Angra do Heroísmo, festejando o primeiro Aniversário da chegada das tropas, assistiu o Vice-Marechal do Ar Braconet, que vemos na foto, a chegar ao campo

QUANDO OS INGLESES DESEMBARCARAM NOS AÇORES



No primeiro tractor que desembarcou lia-se «Viva o Dr. Salazar»



Uma barcaça apinhada de soldados de S. M. Britânica



O grupo do «Raf», do que fazem parte, Mc Imaley, interior esquerdo da selecção escocesa; Lambert, grande figura do futebol inglês, defaza esquerdo da selecção do País de Gales e Mitten, grande profissional do futebol inglês



Aspecto da assistência n um encontro entre portugueses e britânicos



A viola chora e os olhos dela humedecem-se de tristeza.



Um conjunto musical afinado e certo, faz as delícias dos presentes.



Eles dão concertos musicais e fazem «consertos» nos instrumentos que lhes levarem!

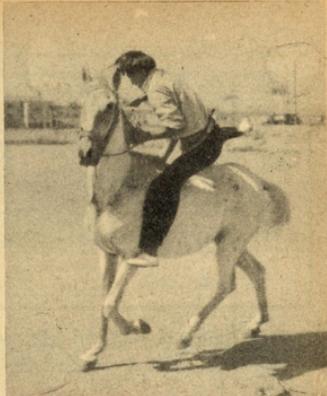
UMA TRÍBU DE MÚSICOS



Uma cigana linda sorri, à janela duma das carruagens



Um violinista de nove anos arranca do seu violino uma canção dolente...



Volteio e cavalo nos campos perto da Avenida Alferes Malheiro.

QUANTAS noites, daquelas noites de verão em que a tua empreita há coisas a magia do seu brilho de prata, eu me oudei escutando os seus melancólicos descantes? Sentados à volta duma fogueira a brilhar num descampado à beira da interminável Avenida Alferes Malheiro, homens e mulheres, erguem cantares dolentes no silêncio da noite, celebrando a sua hora de saudade: — saudade de terras distantes, saudade de entes queridos, trucidados pelo péso violento da vida. E eu sentia essa saudade na impressão da sua doçura amarga e o meu espírito deixava-se penetrar da melancolia das suas canções choradas.

Quem eram aquelas mulheres que, apesar do desconforto da sua vida errante de ciganas, não descruviam a estética dos penteados e o colorido acuridade dos batons? Quem eram aqueles homens, robustos, gímnasticos, tez tismada pelo sol ardente e currida das geadas? Quem era, enfim, aquela gente que contrastava, pela correção de maneiras, com as carripanas tóscas que, a um tempo, lhe serviam de lar e de transportes?

Quem vieram? Para onde iam? Estas interrogações foram, pouco a pouco, tomando vulto, martelando mais e mais a minha curiosidade, de cada vez que me cruzava com aquelas raparigas bonitas, de corpos flexíveis na sua belicênica, cingidos por longos vestidos negros, tão negros como os seus cabelos, tão negros como os seus olhos, cujo brilho triste me falava de saudades e de lágrimas...

E um dia, decidi ser indiscreto. Aproximei-me tímido e arrisquei um «bom-dia» ledesco. Um homem forte, trigueiro, temporeas salpicadas de cabelos brancos, dirigiu umas palavras que não compreendi, a um outro que estava sentado a seu lado numa banca grosseira. Sorriuse depois, envolveu-me num olhar inquiridor correspondeu à minha saudação com um «bon cre soir».

Falei-lhe em reportagens e fotografias. O homem torceu o nariz e abraçou com um gesto vago e um olhar desolado, as carroças que lhe serviam de lar ambulante. Entretanto, saltou lesta duma carrizana uma rapariga dos seus deztoito anos, bem servidos de beleza e de graça. Num língua estranha, disse qualquer coisa que interpretei como uma pergunta a meu respeito. A resposta que obtive pareceu satisfazê-la porque os seus olhos sorriram. Provavelmente, a perspectiva de fotografias agradou à sua vaidade de mulher bonita...

Estimulado pela expressão dos seus olhos, tratei de iniciar, sem perda de tempo, as minhas inter-rogações.

— Já estão há muito tempo em Portugal?
— Há pouco mais de dois anos. Rebentou a guerra e logo que brilharam as primeiras chamas desse incêndio que martirizou a Europa, tratámos de procurar um recanto pacífico onde fizéssemos vida.

— E onde estavam nessa altura?
— Em França. Em Toulouse onde temos... tinhamos residências que habitávamos nos meses de Outono. Nos restantes meses do ano andávamos em viagem pela Itália, pelo Balco Reno, pelo norte da Alemanha, onde dávamos espectáculos...

— Espectáculos?...
— Sim. Nós somos artistas de circo. Trabalhámos todos no Circo de Bouquillon e depois, juntámos e formámos o Circo Internacional de que sou director.

— Devia ter sido penosa a vossa viagem até aqui... Estes carros...

— Em princípio, dispúnhamos de autocarros. Mas veio a guerra e a dificuldade de gases e de gasolina obrigou-nos a substituí-los por isto...

— Três dos autocarros ainda conseguimos trazer para Portugal — esclareceu a Zaida, a moça bonita



Quando os ciganos bailam, apetece-nos bailar com eles!

HISTÓRIA

DA NOVA GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO



CAPÍTULO XXVIII O DRAMA DE TOULON

ERAM cerca de 4 horas da madrugada quando as tropas alemãs penetraram na área do porto de Toulon. Tinham decorrido precisamente dezasseis dias desde que o governo do Reich se comprometera a respeitar a linha de demarcação que éle próprio traçara e que isolava o porto deixando-o sob a soberania francesa. Durante a ocupação da cidade, nenhuma resistência tinha sido posta à sua acção. Que a passar-se, agora que se tratava de ocupar o porto e certamente não deixaria de ser feita uma tentativa para os alemães se apoderarem também da esquadra?

Em meia hora os primeiros carros blindados surgiram junto às portas do Arsenal. Dir-se-ia que, dentro deste, nada de anormal estava a passar-se tão tranqüilo era o ambiente em que éle mergulhara depois de assente, de manear inabaliável, a decisão de afundar os navios no caso de se produzir uma tentativa de agressão alemã. Mas não tardou que esse ambiente fosse perturbado pelo ruído dos primeiros tiros. Então dispararam-se as últimas dúvidas que ainda poderia haver sobre as intenções dos assaltantes.

As sentinelas do Arsenal tinham ordens para replicar, no caso de serem atacadas. Foi isso que fizeram. Ao som das primeiras rajadas de metralhadoras, seguiram-se os gritos das primeiras vítimas. A resistência, que mal chegara a esboçar-se, foi logo dominada. Os carros blindados puderam então cumprir sem dificuldade as ordens que haviam recebido, avançando até aos portões do Arsenal. Dividido em duas colunas, atacaram simultaneamente o edifício por dois lados, penetrando pelas portas dos foros de Castigneau e de Mompalme.

O tempo urge. As ordens que os comandantes dessas colunas tinham recebido eram estritas: evitar, a todo o custo e por todos os meios, que os navios da esquadra francesa deixas-

sem o porto. Dirigiram-se, por isso, ao comandante do Arsenal, almirante Marquis, a quem responsabilizaram por tudo o que pudesse acontecer. Era a primeira manifestação ostensiva de intimidação à qual outras se seguiriam sem qualquer resultado apreciável.

O ALMIRANTE LABORDE ENCONTRA-SE A BORDO DO «STRASBOURG» AFIM DE VERIFICAR PESSOALMENTE O CUMPRIMENTO DA ORDEM DE AFUNDAMENTO

O diálogo travado com o almirante Marquis foi rápido. O almirante ficaria detido para responder pelo que porventura viesse a acontecer no interior do recinto do Arsenal e nos navios de guerra onde, de resto, se não exercia a sua autoridade. Quando a situação se esclarecesse, seria restituído à liberdade se porventura isso fosse possível. Marquis não mostrou o desejo de resistir às indicações rigorosas que lhe transmitiu o comandante dum das colunas blindadas que penetraram no recinto do Arsenal. Não era nesse recinto que a sua atenção e a atenção do oficial alemão que lhe dera ordem de prisão estavam concentradas. Era a bordo dos navios de guerra onde se não notava o mais ligeiro sinal de movimento ou inquietação. Que estava a passar-se, efectivamente, a bordo desses navios? Seria cumprida a ordem de afundamento, ou uma hesitação de última hora faria malograr os preparativos feitos de longa data?

Os alemães, depois de haverem detido Marquis, procuraram febrilmente Laborde. Sabiam que o comando da esquadra estava confiado a este último, e não desejavam deixá-lo escapar-se, no caso de se verificarem as suspeitas que há muito alimentavam quanto à sua atitude. Mas Laborde não pôde ser encontrado no Arsenal. A sua presença não tardaria a ser aasinada noutro ponto, e os alemães não tardariam

a saber que essa presença equivalia ao malogro de toda a sua tentativa para se apoderarem da esquadra.

Laborde encontrava-se a bordo do navio-chefe, o «Strasbourg», afim de vigiar pessoalmente o cumprimento da ordem de afundamento. Tudo estava a postos para que a ordem fosse rigorosamente cumprida. Mas era indispensável que alguém estivesse presente para se responsabilizar por esse cumprimento. Esse alguém era Laborde.

UM SINAL LUMINOSO, QUE APARECEU NO MASTRO DO «STRASBOURG», FOI O SINAL PARA QUE A ESQUADRA FRANCESA SE AFUNDASSE

Quando os alemães alcançaram a área do porto, a cuísal totalidade das equipagens tinha já recebido ordens expressas para o abandonarem. Laborde considerara a operação em todos os seus pormenores e desejava que ela se fizesse sem um sacrifício inútil de vidas. Nos navios ficaram apenas os marinheiros e oficiais que constituíam as brigadas de afundamento, antecipadamente organizadas com especialistas. Essas brigadas tinham por missão abrir as válvulas de fundo, quando verificassem que o sinal combinado para o afundamento aparecia. Depois procurariam também alcançar a terra e refugiar-se na cidade.

Pouco antes das 5 horas da madrugada, o sinal combinado apareceu efectivamente. A bordo do «Strasbourg», o almirante Laborde, informado de tudo o que estava a passar-se no porto, não teve mais dúvidas, não teve mais hesitações. Os alemães tentariam apoderar-se da esquadra, acontecesse o que acontecesse. Quando as suas colunas blindadas penetraram pelas portas do Arsenal que conduziam directamente ao cais, Laborde deu as suas últimas instruções.

No mastro de vante do «Strasbourg» apareceu um sinal luminoso, o sinal que as equipagens precisavam ver para cumprirem a ordem de afundamento. Poucos minutos depois ouviram-se as primeiras explosões a bordo do couraçado que se agitava como um monstro marinho ferido súbitamente de morte. O navio-chefe estava a dar o exemplo do sacrifício. Era éle a primeira vítima da decisão tomada pelos marinheiros franceses de não consentirem que os seus navios caíssem nas mãos dos alemães.

Laborde podia abandonar agora o navio decançado. A ordem fora rigorosamente e fielmente cumprida. Não tardaria que ela se propagasse a todas as unidades ancoradas no porto.

COMO SE DEU O AFUNDAMENTO DO RESTO DA ESQUADRA FRANCESA NO PORTO DE TOULON

Uma testemunha ocular do que se passou em Toulon nessa madrugada trágica contou assim as suas impres-

sões: «A nossa frente, o mar era um tumulto de petróleo e de destroços. Quando olhei para baixo, para o fundo do porto, reparei que na minha frente se encontrava um cruzador majestoso que a água lentamente ia cobrindo. De vez em quando, ouviam-se explosões abafadas no interior dos navios. Em pouco tempo verificámos que a maior parte dos navios que se encontravam no porto já não podia ser salva. Só escaparam alguns onde os mergulhadores alemães especializados conseguiram desligar, a tempo, as cargas explosivas. Por toda a parte se via topos de navios. Era o que restava, a atestar que ainda há pouco ali se encontrava uma esquadra poderosa que a vontade dos homens aniquilara para sempre. Acolá via-se um petróleo em chamas e mais adiante um cruzador ligeiro ainda metido na doca. Na área do porto os oficiais franceses desembarcados lançavam um último olhar de saudade e esperança para as suas unidades que eram já apenas uma recordação.»

Foi assim, efectivamente, que, em poucos minutos, a esquadra francesa, uma das melhores do mundo, desapareceu para sempre na imensidão do mar. Uma a uma as suas unidades seguiram o exemplo do «Strasbourg» estremecendo primeiro, e mergulhando depois. O ruído das explosões ouviu-se durante alguns minutos enchendo o ar com uma monotonia ensurdecedora. O «Dunkerque», o «Provence», os cruzadores pesados e ligeiros, os contratorpedeiros e os submarinos, mal começaram a arder e logo se submergiam para sempre, como se a ordem de afundamento fosse cumprida simultaneamente em todos éles. O espectáculo era, na verdade, impressionante. O fogo e a água misturavam-se para liquidar a esquadra que fóra o orgulho da França e tantas dúvidas criara durante a sua existência. Tudo desaparecia agora com ela na imensidade do mar.

(Continua)

O LIVRO DO MOMENTO

A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

Resumo histórico da aliança entre Portugal e a Inglaterra
Por RAFAEL MARÇAL

A venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição
de «VIDA MUNDIAL»



O «Dunkerque», belo cruzador de 26.000 toneladas, igual ao «Estraburgo», é um dos navios de Toulon



O «Algerie», um dos barcos incendiados em Toulon, quando da sua última visita ao Tejo.



—Se não se retirou imediatamente, chamo a minha mulher!



— Pronto, chegámos a nossa casa.



DENTISTA MARAVILHOSO
— Que magnífico dentista! Tirou-me dois dentes, um nervo, três raízes e o relógio, e nem sequer deste conta!



ANÁLISE

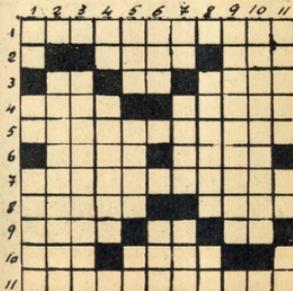
O FARMACEUTICO — Nem albumina, nem açúcar, nem acetona; nada no sangue, absolutamente nada.

O CLIENTE — Que lástima!... E custou a análise cem escudos!

PROBLEMA N.º 40

Por: Esol Rapsag

(Ovilhã)



PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARGENS

Toda a correspondência deve ser enviada para a sua Marquês Sã do Banheiro 108, 3.ª - LISBOA

12-19 16.º 20-15
19-23 17.º 24-20
14-19 18.º 29-26

dé Oscar Pires de Carvalho, motivo porque o publicamos de novo.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

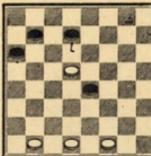
1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMAS DE «DAMAS»

COMPOSIÇÃO N.º 74 (Final artístico)

«La Provincia», 31/5/945

(Las Palmas - Espanha)

Letra: «Peas»



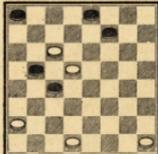
Jogam as brancas e ganham.

(Secção portuguesa)

JOGO 8.º

Este jogo foi disputado no V Campeonato de Lisboa de Jogo de «Damas» (1945) entre David Fernando Martins e Carlos Alberto Pereira Gonçalves.

Brancas (Martins)	Lances	Pretas (C. Alberto)
11-15	1.º	23-19
6-11	2.º	28-23
2-6	3.º	21-17
10-13	4.º	17-10
6-13	5.º	25-21
13-18	6.º	21-14
11-18	7.º	22-13
9-18	8.º	26-22
5-9	9.º	22-13
9-18	10.º	19-14
7-11	11.º	14-7
4-11	12.º	27-22
18-27	13.º	31-22
11-14	14.º	23-20
15-19	15.º	22-15



3-7	19.º	20-16
1-5	20.º	16-12
7-16	21.º	15-11
16-20	22.º	11-7
20-24	23.º	7-4
8-12	24.º	4-7
12-16	25.º	7-21
24-28	26.º	30-27
23-30	27.º	32-14
16-20	28.º	14-10
5-14	29.º	21-24
30-17	30.º

Empatam.

XADREZ

PROBLEMA N.º 13

Por: Oscar Pires de Carvalho (Lisboa - 1945)

Brancas: 9 — Pretas: 10.



Mate em dois (2) lances.

NOTA — por erro tipográfico saiu truncado o problema n.º 13.

PALAVRAS CRUZADAS

ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1 — Pouco comunicativa. 2 — Apronta; interg. desle; de estroendo ou detonação. 3 — Apellido; cont. prep. e art.; defesa. 4 — Pêlo que cai dos chapéus depois de escarduados; vara análogo em esportes ou andares. 5 — Disposição para se excitar. 6 — Anagrama de «Aara»; desacerto. 7 — Minorarieta. 8 — Ratazanais; tempo do verbo dizer. 9 — Discursar; nota de música; apelo. 10 — Título dado aos Bispos Maronitas; resgatel. 11 — Munito amargo.

VERTICAIS: 1 — Aqui; acusada; essência. 2 — Aparentaram. 3 — Acompanhar. 4 — Entre nós; subtelmal. 5 — Nome de mulher; barboleta diurna; interg. desg. desmoroamento. 6 — Ninho; mau humor. 7 — Alto ai; tempo do verbo vir; estime. 8 — Uma capital europeia; prefixo de negação. 9 — Averiguar; estimo. 10 — Durável. 11 — Meta em dificuldades; bon; aquelas.

NOTA — O dicionário adoptado na composição deste problema é o de FRANCISCO TORRINHA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 39

HORIZONTAIS: 1 — Limar; caber. 2 — Arenas; lixa. 3 — Mano; éticos. 4 — Bol; aba; ode. 5 — Namoro; os. 6 — Pala; avos. 7 — Vá; adonar. 8 — Ara; ova; ida. 9 — Referer; agir. 10 — Adli; serena. 11 — Lemas; somas.

VERTICAIS: 1 — Lambé; varal. 2 — Irão; parede. 3 — Menina; afim. 4 — Ano; ali; ela. 5 — Rai; arador. 6 — Sob; oves. 7 — Taraxá. 8 — Ali; ova; aro. 9 — Bio; origem. 10 — Exodos; Dina. 11 — Rases; caras.

SOLUCIONISTAS DO PROBLEMA N.º 39

D. Hermínia-Folgosa; João Folgosa Ruas; José Luis da Cruz; António Tito Assis da Veiga; Eurico Machado e José Luis da Costa (de Lisboa); Severo (Aveiro); Teipetre (Pórtia) e Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu).

PALAVRAS TROPOLÓGICAS

PROBLEMA N.º 3



ENUNCIADO

- 1 — Numeral cardinal — Resto de vela.
- 2 — Fortifique — Põe de mau humor.
- 3 — Terreno onde se secam cereais — Fechar, as aas para descer mais depressa.
- 4 — Colbe a vela pelas rizes — Rouba.
- 5 — Demónio — Habite.
- 6 — Montão — Amansa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 2



RECTIFICANDO

No nosso n.º 229, de 4/10/945, no 2.º anúncio do n.º 7 do enunciado lia-se: *Desle. Lais-se; Descola.*

Foi mais um erro tipográfico do qual pedimos desculpa aos nossos leitores.

CHARADAS

NOVISSIMAS

- 1) Se tens bom pensar não saias da glicosa sem pôres o espuz. 1-2.
- 2) Com esse aspecto em dia de pompa parecez uma garça da África. 1-2.
- 3) Entre nós reconhece-se a qualidade dos que usam soléus. — 1-2.
- 4) Se quer encontrar órdio de cadio canineh por essa cidade. — 1-1.
- 5) Quando está muito fraca visibilidade não se vê qualquer ave pernaltu. — 1-1.
- 6) O ser que escreve bem esta vouca é um inspirado por Deus. — 2-1.
- 7 — Percorri o castelo romano e não encontrei um curandero. — 2-2.
- 8) Descuas bem o edifício e vive lá algum tempo pois então verás o aspecto. — 2-2.

NOTA — O dicionário adoptado foi o de A. MORENO (Complementar).

PASSATEMPO

5 PREGUNTAS

- 1.º — Quem inventou a electricidade?
- 2.º — Quem inventou a rádio?
- 3.º — Quem inventou o pára-raios?
- 4.º — Quem inventou o submarino?
- 5.º — Quem inventou o aeroplano?



ESTA É VERA ZALDI, UMA LINDA «GOLDWYN-GIRL». AQUI FICA A SUA FOTO COMO UMA HOMENAGEM AO ENCANTO DA MULHER E, DESIGNADAMENTE, A QUANTAS, ANONIMAMENTE, EMPRESTAM AO CINEMA O ENCANTO DA SUA BELEZA!

* REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA * TEL. 2.5844 *
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OFICINAS GRÁFICAS BERTRAND (IRMÃOS), L. * T. DA CONDESSA DO RIO, 27